

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



SUPLEMENTOS VIRTUAIS EM TELEPRESENÇA

Gledsson Duarte¹, Fredeyck Sidou²

Resumo

Telepresença é um termo que entra em voga nas décadas de 80 e 90. Surge dos esforços investidos no meio acadêmico-científico para situar as discussões em torno do crescimento exponencial das tecnologias digitais e da sua inserção no cotidiano. Não esperávamos que em tão pouco tempo, estivéssemos compelidos a incorporar abruptamente novos hábitos e experiências de interação, como alternativas para a manutenção das relações interpessoais e/ou que envolvem o trabalho, o lazer e o consumo. Como resultante dos vários distanciamentos promovidos pela COVID-19, nos aproximamos cada vez mais de fontes como o texto e a imagem, já constituídos virtualmente nas mediações que incluem/substituem experiências concretas/presenciais. Entendemos que a noção-conceito de *suplemento*, se atualiza então a partir do léxico desconstrucionista para descrever os efeitos de sentido advindos novamente da relação entre texto e imagem, porém agora intensificados pela modificação dos padrões de interação previstos na experiência remota. Utilizamos como exemplo, o texto de apresentação de uma exposição virtual de artes visuais que poderá -ou não- a partir dele, ser "visualizada".

Palavras-chave: Telepresença. Distanciamento. Relação. Suplemento.

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, em que a humanidade vive os impactos da pandemia, as tecnologias digitais tem sido sobremaneira utilizadas como meios para interação entre as pessoas. Considerando as múltiplas repercussões que o isolamento e/ou distanciamento social impuseram às formas de convivência e trabalho, podemos já observar algumas modificações que poderão se consolidar em torno de um mesmo domínio, qual seja, o da virtualização cada vez maior das experiências cotidianas. Tendo na tecnologia digital configurada em redes de comunicação em tempo real e sendo acessível a uma parcela expressiva da população mundial, os dispositivos tecnológicos impulsionam a experiência do virtual como uma modalidade própria de produção de conhecimento, experiência estética e ação política. Nesse contexto, a recepção ou interação virtual como simulacro ou tradução de experiências concretas, ou ainda transmissão e compartilhamento de informações voltadas à ocupação ou produção de conhecimento, encontram ainda nas formas textuais o código que em primeira

¹ Universidade Regional do Cariri, email: gledsson.rodriques@outlook.com

² Universidade Regional do Cariri, email: fredeyck.sidou@urca.br

instância se interpõe como “camada virtualizadora” que, enquanto seja capaz e ao seu modo de representar, promove mediações que pela linguagem, em abrangência máxima constitui a própria expressão do pensamento. Nesse sentido, consideramos aqui uma vinculação entre níveis próprios de “virtualidade”, experimentados distintamente pelo texto e pela imagem, na ambiência da interação remota. Entendemos que o texto e a imagem, em interações recíprocas (sejam síncronas ou não) aqui constituem *suplementos*, tais como são descritos pela terminologia da desconstrução (DERRIDA, J. *apud* WOLFREYS, J. 2007). No caso, o *suplemento* provê um elemento imprevisto na produção de sentido, trazendo a instabilidade ao mesmo tempo que consolida provisoriamente a tomada de decisão que estabelece o significado. No momento em que são excluídos provisoriamente outros sentidos daquilo que se entende por “significado central” ou seja, enquanto dura sua estabilidade, o suplemento pode agir como resultado de outras analogias provocadas pela sinergia espontânea entre termos, inclusive aproximados, incidentalmente ou não, de outros códigos ou sistemas de signos. Enfim, vários campos de referência podem interagir no fluxo oscilatório da produção de sentido como resultado da constituição virtual do pensamento. Por isso, coloca-se aqui a questão: considerando a profusão de interações remotas, estaríamos a vivenciar uma desarticulação temporária dos códigos seduzidos pelas intensidades da superfície da imagem? O texto resistiria enquanto mediador principal dos vários sistemas de signos? Imersos no contexto pandêmico, estamos a vivenciar pela experiência das relações em modalidade remota, impactos que refletem diretamente nos processos de(s)construção do sentido.

OBJETIVOS

- Articular experiências de recepção mediante a leitura de textos e a observação de imagens já constituídos virtualmente para comunicação remota.
- Vivenciar efeitos de sentido resultantes do jogo interpretativo que impulsiona o *suplemento* da imagem para o texto e do texto para a imagem confirmando esta relação.

METODOLOGIA

Partindo da noção-conceito de *suplemento* anteriormente resumida, apresentaremos como resultado o texto redigido para uma exposição virtual de artes visuais. Esse mesmo texto ao final comenta a performance Kalu, da artista Bartira dias, transmitida telepresencialmente no encerramento do evento. Assim, na ausência de imagens da exposição, mas a partir das sugestões suplementadas pelo texto aqui disponível, a leitura poderá ser (ou não) complementada pela observação das obras através do link <https://sites.google.com/urca.br/curanderiaseebulicoes>. Com isso, supõe-se acionar o jogo interpretativo originário a partir de fontes virtuais distintas como efeito de interação remota.

RESULTADOS

Curanderias e Ebulições prevê abertura de caminhos para a oxigenação de múltiplos contextos. Se os pulmões do planeta hoje se encontram sob o efeito ora nocivo da atividade antrópica, ora curativo dos corpos adoecidos pelos males advindos da destruição dos ambientes naturais (e aqui supomos ser a COVID-19, uma de suas consequências) as máquinas se interseccionam entre modos de viver e morrer, curar e respirar, como cortes entre os quais as redes dispõem labirintos nos espaços infinitos da ambiência digital. Nos CORTES³ agora enredados em circunstâncias inéditas de interação em curandeirias, temos MARINA DE BOTAS e CINIRA D'ÁVILA, DANNY JOIA e LEVIS, GEORGE LUCAS e F.A.D.A. (FORÇAS AMADAS DA ARTE) cujas disrupturas sugeridas em seus trabalhos fortalecem nossas imunidades contra uma convencionalidade protetora dos signos ainda não transgredidos. Nessas ebulições que recriam mundos, oscilamos entre redescições que nos transformam e modificam nossa presença na terra, ao mesmo tempo modificando-a, como as TERRAS percorridas e singularmente reveladas por ZZUI FERREIRA e FRANCISCO AURÉLIO, JÚLIA ARBEX e NAYANA CAMURÇA, SARA COSTA e IGOR MARTINEZ em distintas figurações. Corpos e corpas abrem espaços imagéticos e políticos. Reagem ao impacto da consciência temível de uma real perspectiva de extinção, enfrentada aqui pelas ficções encarnadas nas CORPAS de VITA DA SILVA e GABI ASSUNÇÃO, CINIRA D'ALVA e WELLINGTON SOARES, MÔNICA COSTER, FRANCISCO AURÉLIO e ROGÊ.

Uma vez suspensas algumas convicções ilusórias sobre a “infinidade”, (com suas alegorias e idealizações correlatas) aproximamos observações como a do filósofo Peter Sloterdijk ao considerar que “a interconectividade das vidas humanas na Terra é mais forte e precisamos de uma consciência compartilhada da imunidade. Nos dois últimos séculos, a maior preocupação das entidades políticas, dos Estados-nação, girou em torno da independência. No futuro, precisamos de uma declaração geral de dependência universal; a ideia básica de comunidade”⁴.

O fortalecimento do coletivo pela conectividade seria uma forma prototípica de imunidade frente aos desafios presentes na terra. O ato de criar/curar como necessidade antropológica do rito, vem pelas CURAS de BARTIRA DIAS e NANÁ BLUE, THAIS DE CAMPOS e CINIRA D'ALVA, FILIPE ALVES e AFROKALIPTICO, quando estas interconectam corpos, corpas e cenários inorgânicos em sinergia com outras formas de vida, terrenas e espirituais. Uma busca política, como profilaxia que deseja justiça e conhecimento, liberdade e saúde, encontra-se no conjunto das TIRAS de LUCIANO LANDIM, PAULO BRUNO e EDUARDO SARAIVA.

Em *Curanderias e Ebulições*, as perspectivas dos trabalhos selecionados nos apresentam reflexões reativas sobre o cotidiano de isolamento ou antes dele. Cada artista em seu contexto espacial e íntimo, mas em interconexão coletiva, experimenta circunstâncias e representa ao seu modo formas de denúncia e

³ Doravante, as palavras que figuram em caixa alta referem-se aos recortes temáticos propostos pela comissão curatorial para a apresentação dos sub-grupos que compõem o conjunto das obras selecionadas, assim como os nomes das(os) respectivas(os) artistas.

⁴ Instituto Humanitas UNISINOS: Revista eletrônica. Entrevista (maio,2020).

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598800>

protesto, entre outras invenções que inscrevem a ficção da arte na ação política pela sobrevivência. Com tais convicções poéticas, as produções se pautam numa articulação entre proposições estéticas (e ao mesmo tempo éticas) que criam oportunidades de ruptura ou, no mínimo, de instauração radical da diferença quando a manifestação se dá vinculada a algum contexto institucional, porém ao mesmo tempo contrastando-o, como é o caso do trabalho apresentado a seguir.

Kalu é um codinome da artista Bartira Dias e também o título da performance por ela apresentada *telepresencialmente* no encerramento da III Mostra da Semana da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri. A apresentação marca um momento inédito no histórico dos eventos da instituição, ao subverter ritos cerimoniais típicos da rotina acadêmica tais como falas de autoridades entre outros que curiosamente, sob um ponto de vista etnocenológico⁵, são também consideradas performances. Nesse desfecho transgressivo, ao invés dos cumprimentos protocolares típicos, foi realizada a performance Kalu, e dela geradas imagens como as de crostas de parafina ensanguentadas e aglutinadas pelo calor aos cabelos cerrados que restaram do que seria uma alusão ao ato de escalpelamento. No decurso das “cenas” impactantes, são relembrados traços de um *acionismo*⁶ que confirmaria uma espécie de comunhão sinestésica (e violenta) entre obra e corpo, em meio aos procedimentos adotados no ambiente real em que ocorre a ação. Este por sua vez, parece “abrandado” por pontos luminosos de velas acesas que ao redor de Bartira (sentada no chão) desenham uma vagina em torno do centro daquele espaço simbólico por ela criado. Uma porção de sangue menstrual é ali extraída e retorna ao seu corpo, quando derramado sobre a cabeça e escorre pelo rosto. Dor, esvaziamento, pulsão, recolhimento, potência, interioridade, silêncio, prazer, grito...Muitas palavras desejariam traduzir os efeitos observados e sentidos em Kalu, desde sua materialidade até sua percepção transmitida em tempo real, sendo contextos (ou termos) invaginados e que entremeiam camadas e relevos complexos entre si, redobrados na carne do mesmo tecido que compõe suas topografias de significação, desejo e ira. Com isso, algum sincretismo se perfaz no arranjo de signos que Bartira agencia em ritmo lento e metódico de entrega à fadiga e à dor ambientadas na quietude tensa que segue o *escalpelamento* inicial. Ainda que figurado, este gesto bruto prepara o corpo para sua remissão através da queimadura, aqui incorporada como figuração mas sobretudo enquanto experiência concreta. Mãos e cabeça são submetidas ao contato com a parafina em ebulição. Esta agride a pele e impulsiona o rito marcado pela temporalidade da combustão das velas e do enfrentamento da dor, não apenas física, mas também simbólica e existencial.

No que opera a performance de Bartira/Kalu nesse contexto tão complexo que articula entre outras, motivações aparentemente díspares como experiências religiosas, gestações interrompidas e reações ao machismo? Como dispositivo semiótico que produz a articulação de tantos signos e contextos, a performance

⁵ Surgida ao final dos anos 90 na França, situou-se como disciplina que estuda os comportamentos humanos “espetacularmente organizados”.

⁶ Movimento artístico surgido na Áustria entre os anos 60 e 70, caracterizava-se por experimentalismos sensoriais radicais, envolvendo o martírio do corpo e o excesso em performances que aludiam entre outras coisas, aos horrores da guerra e a contextos sacrificiais ritualísticos observados na experiência religiosa. Herman Nitsch, Rudolf Schwarzkogler, Otto Mühl e Günther Brus, foram os artistas que, com tais proposições, iniciaram o que é hoje conhecido como Body-Art.

aqui é a superfície que revela nos entremeios de tantas invaginações, com analogias que estabelecem a manifestação de Kalu, e os impactos da sua observação *...pois que esta peça acessou a solidão do corpo da mãe, daquela que muitas vezes aborta, espera, gesta, pare (parir), cuida, educa sozinha, refletindo traumas ligados ao útero*. Nessas palavras, Bartira refere-se também à uma *ausência do pai* e assim inconscientemente aproxima ausência e interdição, reserva e tabu. Essas “condicionantes de restrição” encontram-se também configuradas na experiência do *sagrado*, evidenciadas na ação simbólica, tanto individual como coletiva e inevitável em todas as culturas (FREUD,1996). Kalu estabelece uma ambiência ritualística que paradoxalmente não se restringe a transmitir o que é advindo apenas do efeito de muitas formas de restrição e interdição (inclusive das vidas encerradas em seu próprio corpo). O *sagrado* aqui é manifesto na escritura da “cena” que encarna parte da mitologia individual do ser simbólico de Kalu, que cria assim intersecções entre vários planos de existência de diversos seres, alcançando um *mysterium fascinans*⁷ nessa reconstituição peculiar do *sagrado*. Enquanto decorre a ação, assistimos a um “*ato misterioso, da manifestação de algo de ordem diferente, de uma realidade que não pertence ao nosso mundo em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo natural. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e contudo, continua a ser ele mesmo porque continua a participar do meio cósmico envolvente* (ELIADE, 1992). Sob a performance ritualística de Kalu, suspendem-se as restrições construídas em torno de uma cultura “falocêntrica” ao tempo em que reconstituem-se as potências e intensidades do ser feminino, no transbordamento da representação em experiência real de encarnação e catarse, fortalecimento e curandeiria.

CONCLUSÃO



7- Expressão cunhada pelo teólogo alemão Rudolf Otto em *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e na sua relação com o racional* (1917) na qual descreve a experiência de plenitude do ser como revelação do poder divino. Este, por sua vez apresenta-se como um mistério que angustia mas também cativa, aterroriza e ao mesmo tempo seduz.

A imagem acima, produzida por Gledson Duarte, bolsista deste Grupo de Pesquisa, comparece aqui como metáfora do jogo que envolve as transições interpretativas despertadas pela relação com os meios digitais de criação e comunicação de imagens por vias remotas, como pode ser também verificado no “funcionamento” de uma exposição virtual sob as mesmas circunstâncias de interação. Nelas, partimos da percepção de signos já constituídos sob a impressão da virtualidade, como na imagem em que uma porta demarca a entrada num volume impossivelmente preenchido pela massa d’água com peixes em suspensão. O que ampara essa ilusão, do ponto de vista do dispositivo (ou suporte) é o algoritmo do *software* no qual a imagem é predominantemente “modelada” (Adobe Photoshop) e como plano de expressão, a tela de imagem-luz, por onde o que resulta do uso do algoritmo se faz perceptível. Assim, são potencializados os conteúdos ficcionais de imagens, textos e sons, síncronos ou díspares entre si, mas que de toda forma produzem contexturas que entrelaçam múltiplos campos de referência situados desde a estrutura abstrata e virtual dos seus algoritmos até a materialidade das experiências presenciais neles referidos. Sob tais impressões vale lembrar que os efeitos de sentido delas emergentes decorrem (segundo ainda uma fenomenologia da percepção, por sua vez ainda complementada por noções recorrentes de teorias da *Gestalt*) em grande parte da confluência de repertórios aliada à continuidade ou *good continuation*⁸ que orienta a emergência das qualidades híbridas e /ou transitórias produzidas nesse(s) fluxo(s) de experiência estética. Aqui procuramos ilustrar tais fenômenos, observados nas ambiências virtuais e de telepresença, ora instituídos intensivamente como regimes de interação decorrentes da situação gerada pela pandemia e que produzem modificações profundas nas relações comunicativas, assim como na ressignificação das noções de presença. Estaríamos num estágio civilizatório de recomposição da realidade pelo influxo predominante de impressões virtuais advindas de fontes suplementares ancoradas sobretudo em textos e imagens digitalizadas?

REFERÊNCIAS

BORBA, Maria A.J.O. *Teoria do Efeito Estético*. Niterói, R.J. EdUFF. 2003.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo. Martins Fontes. 1992.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e Outros Trabalhos* (vol.- 1). Rio de Janeiro. Imago. 1996.

WOLFREYS, Julien. *Compreender Derrida*. Petrópolis, R.J. Vozes. 2012.

⁸ Sendo a conexão de segmentos em textos perturbada por vazios que podem acarretar na perturbação da consistência construída na recepção do leitor, o conceito de *good continuation*, indica, do ponto de vista da Gestalt, uma conexão transitiva e consistente da interrelação de dados. O mesmo ocorreria na na recepção da imagem (BORBA,2003).